

ÍNDIO OU INDÍGENA? A VIVÊNCIA NOS ENSINA!

Elisabete Ferreira do Carmo Delgado, EMEIEF Homero Thon,
betedelgado78@gmail.com

INTRODUÇÃO

A intenção deste trabalho é apresentar um recorte de uma proposta desenvolvida com turmas de Educação Infantil Ciclo Final (cinco anos) em uma escola municipal no ABC paulista. Seu objetivo principal foi promover uma vivência permeada de elementos que aguce a curiosidade de nossas crianças e desenvolva reflexões, a fim de anular a imagem caricata e ampliar o conhecimento sobre os povos indígenas e sua cultura.

A ideia de realizar essa vivência se deu a partir da roda de conversa realizada no momento da leitura do livro Kabá Darebu (narrado por uma criança, que conta de uma forma lúdica e afetuosa um pouco sobre os costumes indígenas) notei que as crianças demonstravam muito interesse pelo tema, porém o conceito estereotipado do indígena e sua cultura se fazia muito presente.

Na certeza que a prática nos constrói, pensei em preparar uma vivência na qual pudesse despertar a curiosidade, o estímulo à pesquisa para que assim, pudessem compreender quem são, onde moram, como vivem, os indígenas. Portanto, o objetivo maior, foi o de tentar diminuir a imagem estereotipada que crianças e adultos ainda apresentam em relação a essa população.

RELATO DE PRÁTICA

Ser plural significa aceitar em nós a composição de nossa diversidade, conviver com ela, ter orgulho, sentir-se parte da história que está o tempo todo sendo escrita por cada brasileiro não importando sua origem ou, ainda, que tenha vindo de outras terras e se tornando filho adotivo daqui.

Ser plural significa conhecer nossa diversidade nativa pelo nome e não pela fragilidade de um apelido que desqualifica mais que dignifica a experiência de humanidade que ela traz consigo. (Munduruku; Wapichana, 2019).

O projeto da escola neste ano teve como tema DIVERSIDADE, trabalhando com a temática na sala de aula, realizei a leitura do livro Kabá Darebu (2002), o autor Daniel Munduruku aborda os costumes e o dia a dia de seu povo,

descrevendo atividades cotidianas e sobre as brincadeiras das crianças indígenas. O livro mostra ainda a relação de respeito e sensibilidade que os indígenas possuem com a natureza.

A leitura foi permeada de olhinhos e ouvidos atentos para cada detalhe da história.

Finalizada a leitura, iniciamos a roda de conversa, inúmeros comentários e perguntas surgiram, com isso notei que o tema havia despertado interesse nas crianças e que poderia ser ampliado.

Em continuidade ao tema, a primeira etapa foi fomentar ainda mais a curiosidade das crianças, para isso trouxe para apreciação imagens reais de indígenas em diferentes contextos, já que as primeiras imagens vistas eram apenas ilustrações do livro. Mais comentários surgiram, mas dessa vez recheados de debates: "*Os indígenas andam pelados porque não tem dinheiro para comprar roupas.*" afirmava uma criança e logo em seguida a outra complementava: "*Eles não têm dinheiro, porque são pobres e não podem trabalhar.*" já emendado a essa fala outra criança dizia: "*Não, eles vestem roupas da natureza!*". Dentro de inúmeras falas surpreendentes, uma criança observando a imagem de uma mãe indígena amamentando, com muito espanto, diz: "*Olha prô, eles também têm bebê!*".

Caminhando para a segunda etapa no processo de ampliarmos nossas percepções assistimos pequenos vídeos, fiz questão de trazer indígenas em situações que para as crianças pareciam inusitadas: indígenas com roupas e calçados, atuando como DJ, sendo atendidos por médicos, etc. Nesta etapa a conversa já ganhou um contexto maior, temas como preconceito, respeito e diversidade ganharam voz.

Já na terceira etapa, optei por realizar a vivência justamente no dia dos indígenas para desconstruir os estereótipos criados ao longo dos anos, no qual a ideia era apenas pintar os rostos com tintas ou adornar a cabeça com penas e assim o "índio" estava homenageado. Através de leituras, estudos e a presença mais intensa desses povos na mídia e nas universidades, adquirimos consciência que essas ações acima citadas, levavam apenas para uma descaracterização desses povos.

Exatamente por isso que cada material para a vivência foi escolhido criteriosamente, respeitando os preceitos indígenas mais respeitados em sua cultura: a natureza e seus costumes.

A vivência foi iniciada com um bate papo, lembrando o percurso que nos trouxe até ali, neste momento as crianças já haviam ampliado seus conhecimentos, sabiam, por exemplo: que o termo *índio* é depreciativo, usado de forma preconceituosa e desrespeitosa, pois desconsidera as especificidades linguísticas e culturais de um povo e o correto é usarmos *indígena*, termo respeitoso, que significa "natural do lugar em que se vive" e valoriza a diversidade de cada povo; que dentre tantas outras atividades, os povos indígenas têm na confecção de seus artesanatos uma fonte de renda; que nossa culinária está repleta de influência indígena; que nem todos os indígenas moram em ocas ou na floresta e assim por diante.

Em seguida, as crianças puderam sentir, tocar, cheirar alimentos que estavam presentes tanto no livro que lemos, quanto nos pequenos vídeos que assistimos, foi oportunizado açafrão, colorau, canjica, milho verde, coco, etc. Realizamos ainda mini oficinas de grafismo em argila (representando os desenhos e significados que os indígenas dão a eles), confecção de petecas (remetendo a uma das principais brincadeiras praticadas pelas crianças indígenas) e pôr fim a confecção de pulseiras com sementes (simbolizando o característico artesanato indígena).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Educar é como catar piolho na cabeça da criança. É preciso que haja esperança, abandono, perseverança. A esperança é crença de que se está cumprindo uma missão; o abandono é a confiança do educando na palavra; a perseverança é a perseguição aos mais teimosos dos piolhos, é não permitir que um único escape, se perca. Só se educa pelo carinho e catar piolho é o carinho que o educador faz na cabeça do educando, estimulando-o, pela palavra e pela magia do silêncio (Munduruku, 2019).

Acredito que ao promover essa vivência, intensificou-se a ideia de que ao aproximarmos nossas crianças de contextos significativos, de vivências que façam sentido, permitindo que se sintam parte daquilo que está sendo vivenciado, tudo

começa a ter um significado, uma conexão e assim o aprendizado passa a integrá-la.

Os relatos das famílias sinalizam que estamos percorrendo o caminho na direção certa, pois é muito satisfatório você ouvir: "Professora, meu filho ficou tão encantado com tudo o que vivenciou hoje na escola, que chegou em casa nos pedindo para pesquisarmos sobre o tema na internet e "com propriedade" começou a dar a aula dele: "Mãe sabia que não é índio que fala, é indígena?".

Que lindo processo de descobertas!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CURRÍCULO DA CIDADE. **Povos indígenas: orientações pedagógicas**. São Paulo: SME / COPED, 2019. Disponível em URL:

<https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br> Acesso em: 20 de outubro de 2023.

<http://danielmunduruku.blogspot.com/2011/09/educar-e-comocatar-piolho-na-cabeca-da.html>>.> Acesso em: 22out. 2023.

MUNDURUKU, Daniel. Kabá Darebu. São Paulo: Brinque-Book, 2019. 28 p.